

SHANNON J. SPANN



UM PALCO PARA VILÕES

SECRET
SOCIETY



AVISOS DE CONTEÚDO

Manipulação

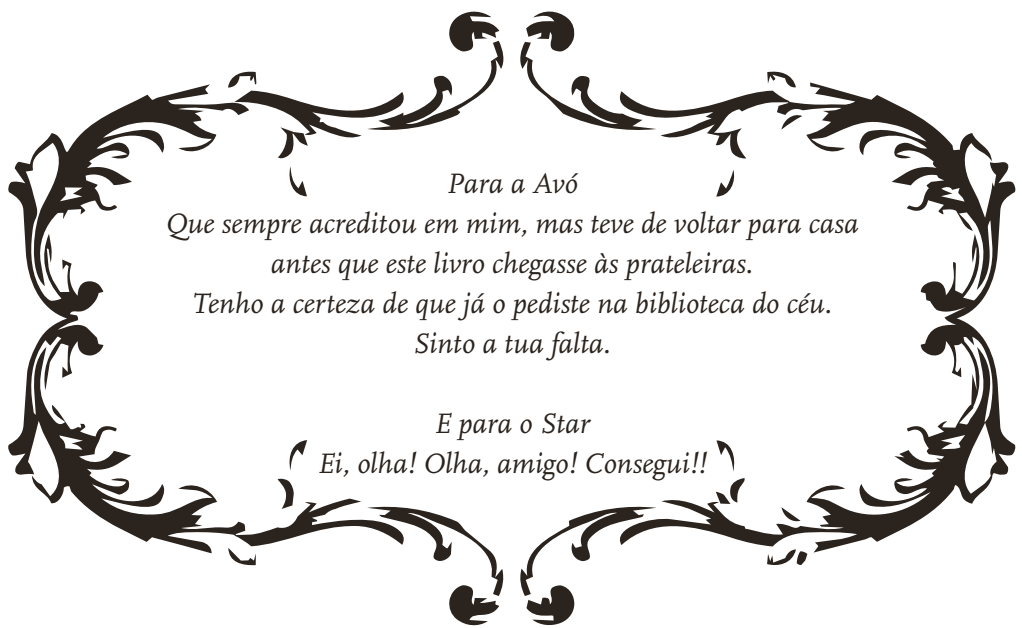
Morte

Orfandade

Rapto

Trauma

Violência



Para a Avó

*Que sempre acreditou em mim, mas teve de voltar para casa
antes que este livro chegasse às prateleiras.
Tenho a certeza de que já o pediste na biblioteca do céu.
Sinto a tua falta.*

E para o Star

‘Ei, olha! Olha, amigo! Consegui!!’



PROSKENION

SYRENE

LOGEION

PARODOS

PARASKENIA

Cabana do Dorian

O. GORTE

Distrito de Dionysus

KOILON

PROHEDRIA

DIAZOMA

Montanhas Klimakes

KORKIDES

THEATRON



Muro
Eleutheraeno

MONTE
ELEUTHERAE

CHARONIA

O MAR MASKIRA

ORKESTRA

Academia Orkestrian

Casa da
Riven

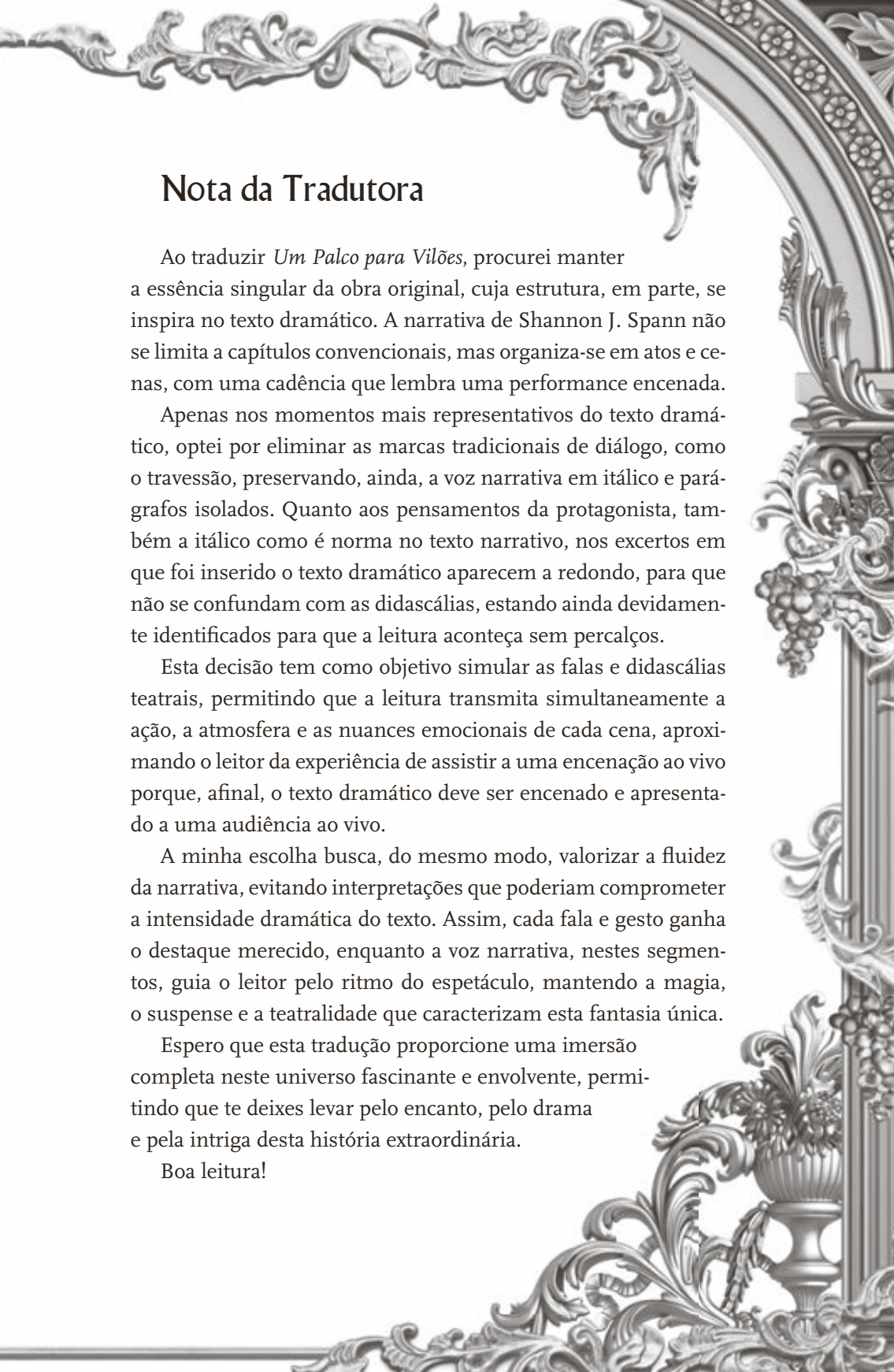
◀ O CORTE ▶

CAVEA

EDOLIA

KLIMAKES

Um Palco para Vilões é uma fantasia sombria e atmosférica situada no brilhante e brutal mundo de Theatron. A história contém elementos que podem não ser adequados para todos os leitores, incluindo morte, sangue, violência, doença, tortura, prisão, fome, perda de autonomia, assassinato, queimaduras e linguagem explícita. Suicídio e veneno são mencionados no passado da história. Leitores que possam ser sensíveis a estes elementos, por favor, tenham atenção e preparem-se para entrar no Teatro...



Nota da Tradutora

Ao traduzir *Um Palco para Vilões*, procurei manter a essência singular da obra original, cuja estrutura, em parte, se inspira no texto dramático. A narrativa de Shannon J. Spann não se limita a capítulos convencionais, mas organiza-se em atos e cenas, com uma cadência que lembra uma performance encenada.

Apenas nos momentos mais representativos do texto dramático, optei por eliminar as marcas tradicionais de diálogo, como o travessão, preservando, ainda, a voz narrativa em itálico e parágrafos isolados. Quanto aos pensamentos da protagonista, também a itálico como é norma no texto narrativo, nos excertos em que foi inserido o texto dramático aparecem a redondo, para que não se confundam com as didascálias, estando ainda devidamente identificados para que a leitura aconteça sem percalços.

Esta decisão tem como objetivo simular as falas e didascálias teatrais, permitindo que a leitura transmita simultaneamente a ação, a atmosfera e as nuances emocionais de cada cena, aproximando o leitor da experiência de assistir a uma encenação ao vivo porque, afinal, o texto dramático deve ser encenado e apresentado a uma audiência ao vivo.

A minha escolha busca, do mesmo modo, valorizar a fluidez da narrativa, evitando interpretações que poderiam comprometer a intensidade dramática do texto. Assim, cada fala e gesto ganha o destaque merecido, enquanto a voz narrativa, nestes segmentos, guia o leitor pelo ritmo do espetáculo, mantendo a magia, o suspense e a teatralidade que caracterizam esta fantasia única.

Espero que esta tradução proporcione uma imersão completa neste universo fascinante e envolvente, permitindo que te deixes levar pelo encanto, pelo drama e pela intriga desta história extraordinária.

Boa leitura!

ABERTURA



Desde que me lembro, sempre tememos os Atores. Conheço apenas três formas de sobreviver a um encontro com um.

— Nunca olhes um Ator nos olhos — recito, enquanto avançamos alguns passos na fila.

A mão do meu irmão mais velho aperta os meus dedos enlurvados com um pouco de força a mais, e pergunto-me se ele também estará nervoso. Ontem à noite, estava tão entusiasmada que não conseguia dormir. Mas quanto mais esperamos, mais me pergunto se ser marcada irá doer.

— Isso mesmo — confirma o Galen. — Lembra-te, isso *não* significa ignorá-los, Riv.

Assinto com entusiasmo. Se vais ferir o ego de um Ator, já agora mais vale atirares-te de um penhasco. Seria menos doloroso.

— Qual é a segunda regra? — pergunta o Galen, enquanto outro rapaz recém-marcado, algures entre os meus oito anos e os doze do meu irmão, passa por nós a caminho da saída do enorme tribunal à nossa frente.

Tem uma ligadura logo abaixo da garganta, como um colar, com o dourado a sair das camadas. Está a chorar.

— *Apenas dez minutos* — disse a tia Cassia antes de sairmos de casa esta manhã. — *Dez minutos de desconforto para uma vida inteira de proteção contra os Atores. Contra o fascínio do Teatro.*

Toco com as pontas dos dedos na reentrância entre as clavículas, tentando imaginar a marca que em breve estará ali.

— A Regra dos Três Elogios — respondo finalmente, lendo mentalmente os cartões de memória que fiz na aula na semana passada. — Faz três elogios a um Ator e talvez consigas satisfazer-lhe o ego o suficiente para fugir.

— Muito bem! — O meu irmão oferece-me um sorriso encorajador enquanto lanço outro olhar por cima do ombro, tentando perceber onde deixámos a nossa mãe, junto aos portões ao longe. — E a terceira forma de escapar a um Ator?

Aperto os lábios, os meus pensamentos a regressarem ao rapaz que chorava. À ligadura. O meu coração começa a bater descompassado no peito. Será que *vai* doer muito?

O Galen aperta-me a mão, e percebo que não respondi à pergunta dele.

— Oh, hum... dar-lhe um presente? — arrisco, com os cartões de memória a fugirem-me da cabeça por um instante.

Ele abana a cabeça enquanto uma voz, algures à frente, grita:

— Continuem a andar!

Chamam-nos a seguir e somos conduzidos para um átrio circular, vazio, interrompido apenas por um corredor de pedra. O meu irmão guia-me até a uma secretária de granito em forma de meia-lua, junto a uma fonte borbulhante, os nossos passos a ecoarem.

— Preencham isto — ordena uma mulher de expressão amarga atrás da secretária, estendendo várias folhas de pergaminho ao Galen.

Arranco-lhe os formulários com indignação, e a mulher sobressalta-se.

— Eu sei ler. Tenho *oito* anos — anuncio, pegando numa caneta do recipiente sobre a secretária, enquanto o Galen pede desculpa pelo comportamento impetuoso.

— Ela tem oito? Alta para a idade, parece-me.

Sinto o olhar da mulher demorar-se na minha caneta enquanto escrevo o meu nome: *Riven Hesper*. Ela inspira bruscamente.

Ergo os olhos para lhe lançar um olhar venenoso. É fácil perceber quando as pessoas me comparam mentalmente ao meu pai; ficam sempre a olhar como se eu tivesse saído da terra da sua sepultura. O rosto do meu pai é quase tão infame como o dos Atores que o assassinaram.

Volto a ignorá-la e concentro-me em escrever a data de hoje.

Até que a minha caneta para ao som de um grito.

Tudo acontece ao mesmo tempo. A mulher da secretária põe-se de pé de um salto enquanto o grito ecoa pelos tetos abobadados, seguido de um segundo — este, moldado na palavra *ajuda*. Depois outro grito, e outro. Ao som apressado de passos a correr, a minha atenção dispara para o corredor cavernoso. Algures, a voz de um homem grita um aviso que me faz gelar o sangue.

Ator.

A palavra queima-me a mente, o medo apagando tudo o que me foi ensinado. Instintivamente, os meus olhos procuram o adulto mais próximo, mas a mulher atrás da secretária já caiu no chão, a tapar os olhos.

Antes que consiga mexer-me, uma figura alta e angelical irrompe no átrio, camadas de roxo a ondular atrás dela. A Atriz gira sobre si mesma, uma cortina de caracóis escuros a cair-lhe sobre o ombro. Como se sentisse o público.

Os seus olhos brilham como brasas vivas, e penso que deve ser a coisa mais terrível e mais bela que alguma vez vi. Ao cruzar o olhar com o meu, a Atriz sorri — porém, é um sorriso errado. Alarga-se cada vez mais, até cada extremidade alcançar os rubis cor de sangue que lhe pendem dos lóbulos.

A tia Cassia avisou-me sobre os seus rostos antinaturais — exagerados para que até os espectadores nos piores lugares do Teatro consigam distinguir as expressões de um Ator. De perto, é tão deslumbrante quanto grotesco. Ela parece uma deusa.

Mas já não temos deuses.

Apenas temos Atores.

Sentinelas de uniforme preto e prateado enchem a sala, cercando a mulher e gritando ordens uns aos outros, enquanto ela estende as palmas das mãos. Algemas douradas e partidas pendem-lhe dos pulsos.

Tem sangue nas mãos.

De repente, o rosto aterrorizado do meu irmão ocupa-me a visão, as mãos dele a apertarem-me os ombros.

— Olha para mim, está bem? Olha só para mim, Riven — sussurra, frenético.

Como é que já me esqueci da primeira regra?

Assinto rapidamente e concentro-me no olhar do meu irmão — aberto, redondo e assustado. Mas há algo de errado nos olhos dele. Estão demasiado imóveis — vítreos, como os de uma boneca.

— Galen? — chamo. Porque é que ele não pestaneja? — Galen! — tento outra vez, alarmada com o som da minha própria voz.

Porque a minha voz é *tudo* o que consigo ouvir.

Os gritos ecoam até se dissiparem, o mundo estremece até parar. Desvio os olhos do olhar do Galen para a fonte atrás dele, onde a água ficou suspensa no ar como se tivesse endurecido em gelo. À minha volta, as sentinelas estão imóveis, um museu de estátuas sem vida. As mãos do Galen continuam a pressionar os meus ombros, frias e pesadas como mármore.

Pestanejo algumas vezes, confusa.

O mundo inteiro está imóvel.

No silêncio, uma mão desliza sobre o colarinho do meu irmão. Estremeço ao ver como se prende ao ombro dele, um dedo longo e elegante de cada vez — cada um adornado com um anel. Várias unhas estão manchadas de vermelho.

Depois, o rosto da Atriz surge, pairando mesmo por cima do ombro do Galen.

Desvio o olhar de volta para ele, obedecendo à instrução de *não* olhar. Mas a pele da Atriz brilha tanto que parece impossível manter os olhos afastados.

— Oh, querido coração. Pareces tão assustada.

Estremeço ao som da sua voz. É arrastada, com um timbre leve e etéreo, como seda. Preenche o espaço, infiltra-se nas paredes. — Pelo menos olha para mim, sim?

Nunca olhes um Ator nos olhos, repito mentalmente. A minha respiração acelera, a visão começa a turvar-se.

Pelo canto do olho, vejo o sorriso dela desvanecer com o meu silêncio, e a sua mão afasta-se do ombro do Galen, deslizando até ao rosto dele. Para meu horror, a Atriz encosta a aresta afiada de um anel à face dele. Depois arrasta-o pela pele, abrindo um corte na zona macia por baixo do olho.

Ainda assim, o Galen não se mexe. Não reage.

E, de repente, esqueço tudo o que devia — e *não* devia — fazer nesta situação.

— *Para!* — grito, fixando o olhar na Atriz. O medo acumula-se na minha garganta, e eu cuspo-o sob a forma de fúria. — Ou *então...* — acrescento, esperando que não repare na forma como os meus joelhos tremem.

A Atriz inclina a cabeça na minha direção, curiosa.

— Ora, que encantadores olhos dourados tens.

Um elogio? Espera... três! Tenho de lhe fazer três elogios...

— São *castanhos* — rosno. Como os do meu pai. — *Mentirosa.*

Ela atira a cabeça para trás e ri-se. O som ecoa pela pedra, a vibrar-me nos ouvidos.

— Que temperamento tão *bonito* — reflete a Atriz. — *Mentir* faz parte da vida. A verdade é, tantas vezes, cruel, não te parece?

Na verdade, não tenho a certeza. A maioria das pessoas que conheço *não consegue* mentir.

Inspiro fundo e lanço um olhar nervoso pela sala.

— Porque é que eles não se mexem?

— Bem, suspendi a nossa realidade, compreendes? — sussurra, como se fosse um segredo partilhado entre nós. — Sabes o que isso significa?

Pressiono os lábios numa linha fina, frustrada. *Não sei.*

— Significa que esta conversa não acontece — diz ela, juntando as vestes enquanto se ajoelha diante de mim. Ainda assim, continua a parecer enorme. Endireito os ombros e estico o pescoço um pouco mais, à procura de coragem.

— Vão levar-te — aviso, num tom que espero que soe ameaçador.

— Oh, eu sei! — responde a Atriz, entusiasmada. — Sabes, prometeram queimar-me na fogueira. E eu não resisto a um espetáculo. — Ela esboça um sorriso suave. — Como te chamas?

Antes que consiga responder, os seus olhos dourados descem para os papéis nas minhas mãos — documentos que declaram que vou ser marcada. Segura. Protegida dos Atores. No topo, o meu nome.

— Riven! — Ela solta outra gargalhada que me faz tremer de medo. — O que te poderá ter dividido de forma tão violenta para mereceres tal nome?



Não respondo, mantendo um olho fixo à direita dela, no sangue que agora escorre pelo pescoço do Galen. Pergunto-me se ele conseguirá senti-lo.

A Atriz arranca-me os papéis das mãos; o calor inesperado do seu toque faz com que os meus dedos cedam, como gelo a derreter. Ergue-as entre nós e, num único movimento, belo e violento, rasga-os em pedaços. Caem à nossa volta como neve recente, pousando suavemente no silêncio.

— Não vais ser marcada, Riven — murmura a Atriz, e é então que reparo como os seus dentes parecem brancos e afiados vistos de perto. — *Tu vens comigo.*

Nem sequer me ouço gritar. A vontade, o *impulso* de a seguir domina todos os meus pensamentos quando a Atriz estende a mão e me chama para a frente. Encaro os seus olhos dourados.

Compelida, a minha mão ergue-se na direção da dela. Ainda não estou marcada. Não consigo evitá-lo.

Talvez seja *assim* que nos sentimos a assistir a um espetáculo no Teatro. O Galen diz que os Atores tocam as cordas do coração de milhares de pessoas na plateia todas as noites, como fios delicados de uma colcha, apagando e reorganizando os seus pensamentos, as ideias e as crenças dos espectadores com pouco mais do que uma palavra bonita.

Os Atores conseguem fazer-te acreditar em qualquer coisa.

Mas há pelo menos um pensamento sobre o qual ela não tem controlo: *Ela vai matar-me.* Vai obrigar-me a segui-la, um público eterno, até as minhas pernas cederem. Até morrer de exaustão ou de fome.

Um público, total e exclusivamente dedicado. É isto que todos os Atores desejam.

À medida que a minha mente se torna turva, agarro a orla do casaco do meu irmão, prendendo-me a ela, certa de que desaparecerei para sempre se o largar. O meu braço estica-se e estica-se enquanto a Atriz me arrasta, a distância entre mim e o Galen a aumentar.

Então, vejo — um brilho dourado no bolso do Galen. A faca do pai. O Galen trá-la para todo o lado.

A terceira regra para sobreviver a um Ator atravessa-me a mente: Um Ator só pode ser morto com ouro eleutheraeno. Fecho os olhos com força e estendo a mão para o cabo. Os meus dedos roçam na madeira...

— *Riven* — entoa a Atriz, docemente. Agora soa um pouco forçado.

Estico os dedos, tentando agarrar a faca.

— *Riven*, querida, não há necessidade de tornar isto difícil...

Tudo parece acontecer num piscar de olhos. Num segundo, os meus dedos envolvem o punho da faca; no seguinte, estou a cravar a lâmina com toda a força que consigo.

As palavras da Atriz desfazem-se no grito mais terrível que alguma vez ouvi. Ela cai de joelhos, uivando e apertando a mão. Uma poça de ouro forma-se por baixo, pingando sobre o chão de pedra como gotas de sol. *Sangue de Ator*. Repleto de poder, de *Arte*.

Ela olha para mim com olhos cheios de fogo infernal, erguendo-se do chão com uma calma letal. Recuo aos tropeções, preparando-me, à espera de que ela me arranque os olhos das órbitas. Que me parta as pernas e me arraste para o Teatro...

Mas uma corrente dourada envolve o pescoço da Atriz, e o homem que a segura puxa-a violentamente para trás. Ele grita qualquer coisa que mal consigo perceber, o rosto branco de terror. Quase de imediato, uma dúzia de sentinelas cai sobre a Atriz.

À minha volta, tudo começa a mover-se outra vez, livre do encanto dela. *Eu* estou livre do seu encanto. Aquele impulso de seguir a Atriz desprende-se do meu coração, levantando-se dos meus ombros como um pássaro.

Ocorre-me que nunca sequer foi real.

Porém, antes que consiga perceber o que aconteceu, antes sequer de *pensar* em mexer-me, a Atriz solta-se e está de novo sobre mim, agarrando-me pelo colarinho do casaco e puxando-me para demasiado perto, como se estivesse prestes a morder-me o pescoço.

Sussurra-me ao ouvido, e eu paraliso.

E depois acaba. Os guardas arrastam-na para longe.

Um peso envolve-me os braços quando o Galen me vira para ficar de frente para ele. O alívio invade-me ao vê-lo mexer-se outra vez, a *respirar* novamente. Também está a pestanejar — a fazer uma careta enquanto passa a mão pelo corte aberto na face, confuso.

Atrás dele, a Atriz debate-se, estendendo aqueles dedos longos na minha direção.

— *Riven!* — grita, a raiva a transformar-se em histeria. — *Riven!*

— Como é que ela sabe o teu nome? — pergunta o Galen, em pânico.

Os gritos da Atriz ecoam pelo corredor fora, o meu nome a repercutir-se na pedra. Mais ninguém reparou que o mundo ficou imóvel?

O olhar do Galen desce para a faca na minha mão, escorregadia de sangue dourado. O sangue da Atriz. Antes que consiga largá-la, gotas escorrem pelo cabo e infiltram-se na minha pele, quentes — *demasiado* quentes, como se tivesse as mãos sobre uma chama. Solto um grito e deixo cair a lâmina.

Mas, por dentro, sinto o peito como se se abrisse em fendas. Algo afiado e faminto precipita-se para dentro, preenchendo o espaço.

— *Riven*, o que fizeste? — pergunta o meu irmão, e acho que a resposta é que acabei de fazer um inimigo muito perigoso. Mas não o digo isso em voz alta, não ao Galen.

E, *certamente*, não lhe conto o que a Atriz me sussurrou ao ouvido.



PRÓLOGO



*Os mortais fizeram um pacto, para os Atores ao Sul deixar.
E quando o pacto terminou, um muro ergueram para os afastar.*

*E se o muro vier a ruir, as marcas hão de nos salvar.
E se as marcas nos falharem, que os deuses tenham pena do nosso azar.*



ATO I

ATO I: CENA I



Dez anos depois

Se eu tivesse uma moeda por cada vez que fui avisada sobre o Teatro, teria o suficiente para comprar um lugar na primeira fila.

Uma pela semana passada, quando os jornais alertaram para o seu suposto grande regresso e para o fim iminente do tratado.

E depois, mais umas cem por esta manhã, quando saiu a notícia de que o Teatro tinha publicado um aviso a anunciar a sua próxima paragem — o Distrito de Dionysus — e, de seguida, desencadeou-se o caos.

Para piorar, o aviso não indicava qualquer data. Nenhuma chegada, nenhum espetáculo marcado, nada. Como se a especulação tensa do seu regresso — e o medo que espalha no ar — fosse apenas mais uma parte gloriosa do espetáculo. Aposto que o fazem de propósito.

Forço-me a andar mais depressa, os olhos fixos no sol da tarde a descer no horizonte enquanto serpenteio por entre um mar de casacos e saias desbotados que se confundem nas ruas cinzentas, a palavra *Atores* a pairar no ar. Há semanas que se vão aproximando, a sua companhia a afundar-se e a desaparecer sob a terra, apenas para ressurgir, de forma impossível, noutro lugar.

Abaixo o queixo e incentivo as pernas a *mexerem-se*.

Vocês vão cooperar, ordeno aos meus membros, a maioria dos quais já dormente e gelada. *Vão funcionar hoje e não...*

Como que para contrariar o pensamento, o vento atinge-me com uma rajada que atravessa os dois casacos e me espalha um frio paralisante pelos ossos. Vacilo e praguejo entre dentes.



— *Amaldiçoada, ouvi dizer...* — murmura alguém ao passar, para o seu acompanhante, com o olhar a desviar-se na minha direção. Fico rígida ao ouvir a palavra, endireitando-me. *Amaldiçoada.*

A promessa da Atriz, feita há dez anos, paira nos limites da minha memória, enviando-me um arrepio pela espinha.

Um vidro embate no passeio à minha frente, estilhaçando-se, e eu solto um grito, protegendo o rosto.

— Desculpa... pelos deuses, desculpa! — grita uma mulher de uma janela dois andares acima, que quase me matou com um pedaço de vidro a cair. Que maneira de morrer *teria sido*. — Nunca é demais ter cuidado.

E não é a única. O caminho à minha frente está coberto de espelhos partidos que refletem a luz como partículas de ouro. O Teatro aproxima-se a cada dia, e as pessoas *ainda* o acolhem? Que os deuses nos ajudem.

Espelhos são praticamente um convite para um Ator entrar. Ou pior, para arrastar alguém através do seu reflexo. Espero um momento, apenas por precaução, não vá alguém decidir atirar mais vidro pela janela, antes de voltar a andar, desviando-me cuidadosamente de um pedaço maior.

Evito olhar para os estilhaços; já não vejo o meu próprio reflexo há anos.

Pelo modo como as pessoas me olham fixamente, deduzo que isso seja uma coisa boa.

O vidro estala sob as minhas botas até chegar ao Corte — uma vala profunda de água escura de cada lado de uma muralha que se ergue a partir dela. Hoje, ambos parecem particularmente ameaçadores.

O Corte divide Theatron ao meio, separando-nos, no Norte, dos adoradores do Ator, no Sul. No centro, entre ambos, fica o único território partilhado, o Distrito, que se estende baixo e plano como o fundo de uma taça. É um casamento profundamente infeliz, e provavelmente o único lugar onde se pode encontrar um templo dedicado aos Atores a apenas duas ruas de distância de um boticário que vende o ouro eleutheraeno que os mata.

— Tiveste saudades minhas, Jak? — chamo, em tom provocador, ao guarda habitual na ponte pedonal, ao aproximar-me do portão mais próximo.

O rosto do Jak contrai-se ao ouvir a minha saudação.

— Riven. Ainda estás viva, pelo que vejo.

Não soa satisfeito, nem particularmente divertido com a pequena vénia que faço em resposta.

— Quando achas que vai ser? — pergunto.

Ele solta uma risada sem humor, mas a tensão é evidente.

— Ouvi palpites que vão de três dias a três meses, com base nos padrões deles. Mas o quê, queres entrar na aposta? Alguns de nós estão a fazê-lo.

— Já perdi o suficiente com os Atores, obrigada — respondo, lançando um olhar à água negra abaixo e à muralha que dela se ergue. Apesar do nome, o muro não foi construído alto para manter os Atores do lado de fora. Foi erguido *baixo*, selado com ouro eleutheraeno para os afastar. Ouvi rumores de que o Corte recebeu o seu nome porque cavaram tão fundo que acabaram por cortar o Theatron em dois.

Espero que seja assim tão profundo. Que seja suficiente.

O portão range ao abrir, e o Jak dá vários passos exagerados para trás, oferecendo-me um espaço extralargo. Todos parecem receosos de *apanhar o que eu tenho*. Como se a magia da Atriz que me envenenou saltasse para qualquer um que se chegasse demasiado perto.

Ignoro-o e puxo o casaco com mais força ao atravessar para o outro lado da ponte pedonal.

O Distrito de Dionysus saúda-me com uma estranha mistura de atividade — alguns compradores fazem compras de última hora, em pânico, enquanto outros parecem exibir indiferença à notícia, como se o mundo não tivesse tremido com o peso de um único anúncio — ou talvez seja apenas negação. Não é difícil perceber os exuberantes adoradores do Teatro a correr para as lojas para comprar ofertas de joias e vinhos finos. Embora *isso* não seja particularmente novidade.

Lançando um olhar de soslaio às bancas de jornais enquanto passo, vejo títulos sensacionalistas sobre o regresso iminente do Teatro:

**O tratado de 500 anos chega ao fim, o terror começa;
IRÁ O TEATRO ultrapassar o Corte?**

**Nenhum novo acordo com os atores;
O Norte prepara-se para ataque**

**Teatro regressa ao Distrito pela primeira
vez em 15 anos: o que sabemos até agora**

— *OS HOLOFOTES CAEM SOBRE O ATOR JUDE!* — grita um vendedor de jornais por cima do assobio estridente da vizinha Ferrovia Diolkos.

Enormes estátuas de mármore de Atores famosos alinham-se no meu caminho enquanto passo a toda a velocidade por um homem a tentar trocar um programa assinado por todo o elenco. Do outro lado da rua, outra mulher rivaliza com ele, a vender cópias do tratado do Teatro.

Abaixo-me ao passar pelo tribunal, escapando por pouco a um cotovelo, mas os meus olhos deparam com alguns cartazes enquanto contorno a esquina.

SEM ATORES
O nosso mundo não é o vosso palco

Os protestos espalharam-se quase tão rapidamente quanto o anúncio do Teatro.

Sinto olhares sobre mim enquanto passo pela estátua mais recentemente erguida, em honra do seu Ator Principal, Jude Stepharros. O rosto esculpido em ângulos agudos, cabelo tão cuidadosamente despenteado que quase parece não ser feito de pedra. Ergue-se cerca de seis metros no centro de uma fonte ondulante, com pedras preciosas e moedas a poluir a água abaixo das suas sandálias esculpidas — oferendas. Um desperdício terrível, na minha opinião. Considero mergulhar a mão na água para apanhar algumas, mas ouvi dizer que fazê-lo pode invocar toda a espécie de maldições terríveis.

Mal consigo arcar com a maldição que já tenho.

— *Riven!* Riven Hesper, vem cá — soa uma voz rouca e demasiado familiar, fazendo-me parar a meio de um passo. Viro-me. As palavras não vêm da estátua, atenção, mas do homem encostado à sua base.

Haris. Está vestido com os mesmos trajes berrantes de sempre — um disfarce descartado do Teatro, que ele diz ter sido tão vermelho quanto a cortina do auditório quando o roubou, embora com o tempo tenha desbotado para o mesmo cinzento de tudo o resto. Não consigo lembrar-me de alguma vez o ter visto usar algo diferente. Certa vez, quando lhe trouxe uma muda de roupa velha que o meu irmão deixara para trás, o Haris olhou para mim como se eu lhe tivesse sugerido despir a própria pele.

— Olá, Haris — digo, lutando com a mala no ombro. — Estava mesmo à tua procura.

O Haris pode ser um fanático do Teatro, mas também é o mais próximo que tenho de um amigo, o único que não me chama amaldiçoada. Na verdade, ele tem a estranha impressão de que fui *abençoada* por ter sido tocada por uma Atriz. Claro que o resto deles assume que fui considerada indigna, e é por isso que o sangue dourado do monstro me está a matar lentamente. Talvez estejam certos.

No que toca a adoradores do Teatro — a quem chamamos *Revelers* —, o Haris está longe de ser o pior que já encontrei.

Sorrindo, ele revela fileiras de dentes perfeitos enquanto sussurra:

— Está a *chegar*, Riven.

A piedade toca-me no fundo do coração. Cada espetáculo a que assistiu — trinta e dois, segundo ele — está escrito na sua cara. O mesmo sinal evidente de todos os Revelers: uma película dourada sobre cada pupila.

Durante uma das digressões do Teatro, o Haris acompanhou, literalmente, a companhia na sua viagem de cidade em cidade. A pé, centenas de quilómetros. À noite, acampava aos portões, deixando oferendas caras aos Atores com cada posse que tinha, incluindo a escritura da sua casa.

E pior, não o conseguia evitar; o Haris nunca foi marcado.

— Consigo ouvi-los — sussurra, esboçando um sorriso mais largo e erguendo a sua posse mais preciosa: um espelho de mão. Ele reza aos Atores através dele diariamente. — Estão a voltar para *casa*.

Se eu não fosse marcada, provavelmente seria igual a ele, falaria como ele.

— Oh, já ouvi dizer — murmuro, desviando os olhos do que procuro na mala. — É por isso que estou aqui... trouxe-te uma coisa. Agora, onde é que a pus...

Na maioria dos dias, trago ao Haris a comida que consigo arranjar em casa sem chamar muita atenção — ele está tantas vezes absorto em pensamentos sobre os Atores que se esquece de comer. Hoje, porém, trouxe-lhe algo ainda mais importante.

— Vais levar-me lá, não vais? Vens comigo — insiste o Haris, semi-cerrando os olhos. — Tu e eu, somos diferentes, mas tu compreendes, não é? Os amigos compreendem.

— O Teatro ainda nem chegou — recordo-lhe, e vejo o brilho de uma corrente fina a reluzir no fundo da minha mala. *Ah! Encontrei.*

Beliscando a corrente, retiro o pendente e aproximo-me dele.

— *Por favor, Riven!* — geme o Haris, estendendo as mãos para mim.

As mangas das suas vestes recuam, revelando a pele solta dos antebraços, a pender dos ossos como massa de pão. Cicatrizes inchadas, rosa-esbranquiçadas, soletram *JUDE STEPHARROS*. Engulo o fel que me sobe à garganta. Ambos somos vítimas dos Atores, apenas de formas diferentes.

— Está finalmente a voltar para *casa* — suplica ele.

— Toma — digo, inclinando-me para oferecer o pendente que balança na minha mão cerrada. — Isto vai ajudar-te a manteres-te seguro; usa-o se te aproximares do Teatro. Especialmente se vires um deles, está bem? Comprei-o na Arena dos Comerciantes. Está gravado com ouro de Eleutheræ e deverá...

Ao ouvir a palavra, o rosto dele contorce-se de raiva, e mal tenho tempo de reagir antes de ele se lançar e agarrar o meu pulso tão rapidamente que solto um grito de surpresa, o pendente a cair no chão com um tilintar.

— *Leva-me até lá!* — exclama. — Leva-me aos Atores ...

As unhas dele cravam-se na minha pele, e eu arquejo. Felizmente, o meu pulso liberta-se do seu aperto e eu cambaleio para trás, caindo sobre a pedra.

A minha pele arrepia-se como se aranhas rastejassem sobre o meu corpo. Acho que vou vomitar.

Odeio ser tocada. *Odeio*. Sempre odiei.

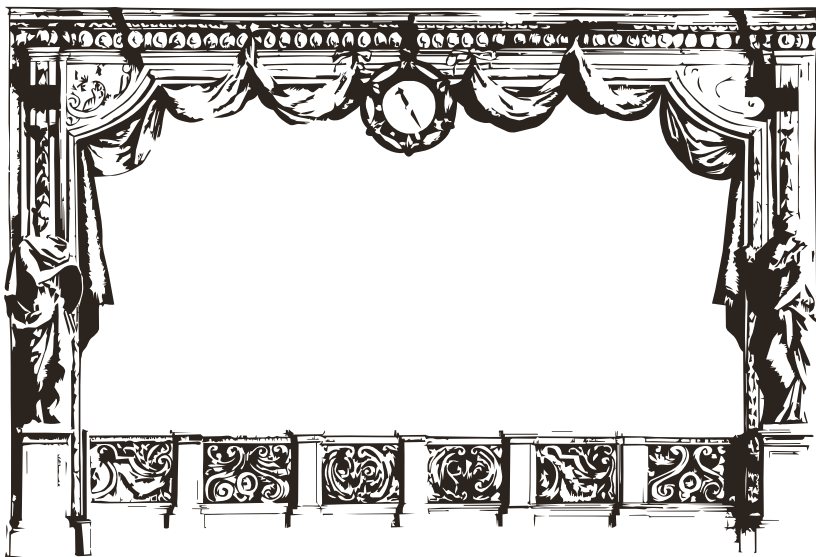
Recuperando o fôlego, volto a levantar-me e estudo as minhas palmas das mãos. A cor pálida e cerosa já está a formar um hematoma roxo

profundo. *Raios*. Hematomas, entorses, tudo demora cada vez mais a curar nos dias que correm, — se não simplesmente deixar de sarar por completo. Como se o veneno tivesse feito o meu corpo esquecer-se como se faz para curar.

Limpando as mãos ao casaco como se pudesse afastar o toque, viro-me para ir embora. Ainda tenho mais uma paragem antes de chegar a casa, e até eu sei que não convém ficar pelo Distrito depois do anoitecer.

Mas, ao recompor-me, lanço mais um olhar preocupado por cima do ombro na direção do Haris, que tosse e fixa em mim o olhar esbranquiçado. Depois, esboça um sorriso largo ao levantar o espelho de mão. Como se soubesse algo que eu não sei.

— Está a voltar para casa, Riven.



ATO I: CENA II



Quase suspiro de alívio quando finalmente chego à Crónicas de Aletheia, uma livraria encaixada entre um fabricante de velas e uma loja de antiguidades que afirma vender adereços antigos usados em palco pelos Atores. É também a única loja no Distrito que vende os textos de que vou precisar para o meu primeiro semestre na Academia Orkestriana.

— Não, *não*! Fora daqui, Riven — grita um homem de óculos grossos e pele ligeiramente bronzada. Sai de trás do balcão assim que a porta se fecha atrás de mim. — Vai-te e leva a tua maldição contigo.

— Olá, Sebastian! — canto, serpenteando por entre mesas carregadas de livros.

— Que os deuses me ajudem — murmura, passando a mão pelo cabelo. O velho foi criado no Norte, o que faz dele um dos poucos marcados que ainda vivem no Distrito. — O Teatro prestes a regressar a qualquer momento, pela primeira vez em quinze anos, e agora a obra deles entra pela minha loja. Uma ladra, ainda por cima.

Franzo o sobrolho.

— Eu *devolvi-o* — defendo-me, retirando um volume de couro da mala e pousando-o no balcão entre nós.

— Isto é uma livraria. Não uma biblioteca. — O dono do espaço semicerra os olhos para a capa de couro. — Quem é que vai comprar algo que esteve nas tuas mãos?

— Talvez não devessem — argumento, batendo com o dedo na capa. — *Isto* é inútil.

Não continha praticamente *nada* sobre Arte, muito menos sobre o que fazer se alguém der por si envenenado por ela.

Entrego-lhe a minha carta de aceitação da Academia Orkestriana.

— Mas não importa. Estou aqui pelos meus materiais escolares e preciso de despachar isto.

O Sebastian faz uma careta, segurando a ponta da carta como se tivesse medo de tocar na minha pele. Depois ajusta os óculos e observa-a, incrédulo.

— Vão deixar-te entrar na academia? — As sobrancelhas dele sobem de repente.

Fico tensa.

— Sorte a tua que o semestre começa para a semana. Vou estar num comboio para Orkestra e bem longe daqui, antes que dês por isso.

Ele abana a cabeça, quase com uma expressão triste.

— Por acaso tenho amigos no Bairro dos Curandeiros, Riven. — Fico rígida ao ouvir isto. — Diz-se por aí que nem sequer vais viver para ver o próximo mês.

As palavras quase me apagam o sorriso da cara. Já fui vista por praticamente todos os curandeiros a norte do Distrito, sem resultado. Ninguém sabe como desfazer o que a Atriz me fez. Ninguém sabe sequer o que há de *errado* comigo.

Aclaro a garganta.

— Então convido-te a dançar sobre a minha campa quando eu morrer — respondo, mostrando-lhe um sorriso cheio de dentes.

— A estudar para ser curandeira, é? — resmunga para si mesmo, olhando para a minha carta. — Não esperava isto de alguém como tu.

Imagino que seja por isso que nenhum curandeiro faz ideia de como me ajudar.

Um mortal não pode consertar o que um imortal quebrou, disse-me uma vez um curandeiro. Mas isso nunca me impediu de vasculhar todos os livros que consigo encontrar, à procura de soluções.

Percebi há muito tempo que, se quero respostas sobre como reverter o que quer que me esteja a acontecer, terei de as encontrar sozinha.

Com mais um abanar de cabeça, o Sebastian desaparece para a parte de trás da loja com a minha carta.

Um sino tilinta por cima da porta, e viro-me para ver duas raparigas a entrar na loja. Engulo em seco e desvio o olhar. Elas apressam-se pelos corredores estreitos entre estantes de carvalho de parede a parede, e eu viro-me, reparando em vários outros clientes que não tinha notado, reunidos num canto a comparar penas.

— *Sim, a filha do Pacificador morto...* — sussurra um deles, levantando os olhos para mim antes de os desviar de novo para o companheiro.

Fico tensa, afastando a sensação pesada no meu peito. Pelos vistos, nem o regresso iminente dos Atores é suficiente para fazer desaparecer o interesse por uma das vítimas da sua obra. Cerrando os dentes, concentro-me no soalho de madeira, inspirando o ar devagar, como o Galen sempre me diz.

— *Amaldiçoada, ouvi dizer...* — murmura outra pessoa. — *Por aquela Atriz que se libertou e atacou o...*

— *Mais alta do que eu pensava. Sabias que o irmão dela...*

— *Pelos deuses, ela é feia. Porque é que os olhos dela são assim?*

A raiva acende-se no meu peito como um fósforo quando levo as pontas dos dedos às marcas em meia-lua que rodeiam os meus olhos, perguntando-me como *serão* ao certo. E acabo por decidir que é melhor não saber.

— Primeiro, tens de pagar.

O Sebastian regressa com um monte de livros que provavelmente me vão partir a coluna ao levá-los para casa. Deixo o dinheiro que o meu irmão enviou no balcão e enfio-os na mala, virando-me para sair.

— *Achas que lhe vão atribuir um colega de quarto?* — Os meus olhos desviam-se para os sussurros de outro grupo de estudantes, que parecem tentar manter o máximo de distância possível de mim sem sair da loja. Mas eu tenho um ouvido apurado.

— *Que os deuses ajudem quem for. Ouvi dizer...*

— *... parece um cadáver amaldiçoado.*

O meu sangue aquece enquanto localizo quem disse aquilo — um rapaz de cabelo castanho-avermelhado e óculos. Uma marca eleutheraena brilha na sua clavícula.

É marcado, tal como eu. O que significa que não pode mentir. Nenhum marcado pode.

A norte do Corte, todos carregamos símbolos idênticos de proteção, gravados na pele com o mesmo ouro eleutheraeno que pode matar Atores. Um voto de verdade e um escudo contra a atração do Teatro. Protege os nossos corpos dos Atores e das suas mentiras. Porém, da mesma forma, qualquer pessoa com uma marca eleutheraena *não pode* dizer uma mentira.

Ele acredita no que disse. Que eu pareço um cadáver.

Mas não é o desprezo que lhe atravessa o rosto que faz o meu sangue rugir nos ouvidos.

É o lampejo de medo nos olhos quando sustento o seu olhar por um segundo a mais. Como se a magia com que a Atriz me envenenou me tornasse tão perigosa quanto eles.

Ao empurrar a porta para sair, um frio familiar infiltra-se pelos meus ossos, e a promessa sussurrada da Atriz atravessa-me a mente.

Vem comigo, disse ela. *Vem comigo ou vais sofrer.*

Só mesmo eu para encontrar o único Ator que cumpre o que promete.



ATO I: CENA III



Quando chego aos Registos de Dionysus, sinto os pulmões como se estivessem cheios de pinhas. A tia Cassia estará lá dentro, no templo-arquivo, mas, neste momento, prefiro ficar pacificamente a remoer sozinha.

Deixo-me cair no degrau mais baixo do templo para descansar, com inspirações curtas. Daqui, a encosta desce até ao Distrito lá em baixo, tingido de dourado pelo último fio de sol.

Estico as pernas e espreito por cima do ombro, subindo o olhar pelos degraus até à estátua de Dionysus que se ergue no topo do templo. Aceno educadamente ao deus morto. Ele não acena de volta. As estátuas raramente o fazem.

Ainda há quem reze aos deuses por salvação. Eu deixei de o fazer há muito tempo.

Dionysus está morto. Não me parece que a ajuda esteja a caminho.

Na melhor das hipóteses, penso, os deuses são cruéis por não intervir. Na pior, são cobardes por nos terem abandonado com os Atores. Embora tenha ouvido rumores de lugares muito para lá do mar que enfrentam monstros ainda piores do que os nossos.

E, neste momento, só me apetece gritar com *alguém*. Uma estátua serve.

— Se ias sangrar até morrer, tinhas mesmo de o fazer em Theatron?
— pergunto a Dionysus. — Decerto haverá montanhas mais agradáveis onde se morrer.

Os braços longos e esculpidos de Dionysus não se mexem, eternamente estendidos para o mundo. Interpreto isso como um encolher de ombros.

— Por favor, não te sintas ofendido — digo-lhe, enquanto observo as minhas unhas, que nas últimas semanas começaram a ganhar um tom cinzento esquisito. — Se eu sangrasse numa montanha, também não estaria à espera de que monstros surgissem do *meu* sangue.

Dionysus não se ri, mantendo-se imóvel, enquanto um vento forte atravessa as colunas e desce os degraus.

— Um dos teus Atores fez-me *isto*, já agora. — Faço um gesto vago para o meu corpo decadente, não que ache que Dionysus se importe. — No início nem parecia assim tão grave. Alguma náusea. Dores de cabeça. Uma espécie de gripe forte, pensaram os curandeiros.

Depois vieram as dores que se alojavam nas profundezas dos meus ossos. Um frio que se instalava na pele, imune a camadas de lã ou ao calor de uma fogueira. Um cansaço que o sono nunca conseguia saciar. Nenhuma quantidade de alimento acrescentava sequer um fio de músculo aos meus ossos.

O veneno da Atriz sugava a vida da minha carne.

Estremeço, lembrando-me do seu sangue dourado nas minhas mãos.

Só comecei realmente a entrar em pânico quando as dores começaram a atenuar-se, substituídas por um gelo vingativo que se precipitava pelas minhas veias como uma tempestade de inverno e me enrijecia os ossos como ramos congelados.

Parece que o meu corpo desceu ao além, deixando-me para trás.

Como que para o provar, o chão oscila subitamente, cede sob mim e o meu estômago revira-se. Agarro-me aos degraus, as unhas a arranharem a pedra. *Estarei tonta?*

Não. É o chão.

O chão está realmente a tremer, a abanar como se estivesse prestes a abrir-se.

Uma estranha escuridão rasga as nuvens acima, espalhando-se como tinta na água.

O mundo estremece mais uma vez e, agora, erguem-se gritos vindos do Anel dos Comerciantes.

O meu coração bate com força contra as costelas enquanto o meu olhar dispara pela encosta abaixo, para o Distrito.

Uma luz dourada floresce no centro, como um sol nascente. Fecho os olhos com força, engasgando-me com um cheiro doce e enjoativo que paira no ar, vagamente perfumado.

Mexe-te. Não devias estar aqui. Os pensamentos surgem em fragmentos. E é então que o vejo.

Um palácio sinistro irrompe do solo como se emergisse do próprio Hades. As suas torres de mármore branco libertam-se da terra, raízes a pender, torrões de terra a desmoronarem-se por níveis com uns quinze andares.

Centenas de enormes colunas, cintilantes com faixas de ouro, surgem a seguir, alinhando a cúpula central como soldados de guarda, uma névoa de pó pálido a erguer-se à sua volta. No topo, a forma esculpida de um corvo, as asas de mármore abertas num voo eterno.

O Teatro.

Regressou. Hoje.

Agora.



Devia estar assustada — sei-o pela forma como fui criada. A visão é antinatural e profana, roubando-me o ar dos pulmões. Um impulso intenso em direção ao Teatro, que atribuo a anos de raiva, envolve-me a mente.

Por um estranho momento, tudo fica em silêncio. O mundo parece vazio, desprovido de qualquer pessoa ou coisa além de mim e da entidade que me arruinou o futuro e roubou o do meu pai. Os seus vitrais resplandecentes encaram-me à distância, como os olhos dourados de uma fera.

O que me fizeste?

Um batimento depois, o caos rebenta lá em baixo. Adoradores do Sul de Theatron correm em direção ao Teatro como traças em direção a uma chama, gritando de alegria. Ao mesmo tempo, os marcados dispersam de volta para a segurança do muro do Norte, berrando aos entes queridos para os seguirem.

— *Riven!*

Sobressalto-me ao ouvir o meu nome.

A tia Cassia desce apressadamente os degraus do templo-arquivo, acenando para que me levante, mas até ela faz uma pausa para absorver a visão, imóvel por um instante antes de gritar:

— Levanta-te... *já*.

A urgência no rosto dela faz-me levantar à pressa, tropeçando em direção aos degraus, atrás dela.

Porém, a meio caminho, não sei o que se apodera de mim. Não consigo evitar olhar para trás — a tempo de ver outro clarão de luz amarelomanteiga. Um vento quente passa-me pelo rosto, enrolando-se no ar frio.

As portas do Teatro foram abertas.

— *Senhoras e senhores!*

A voz não é humana. É trovejante, apelativa, e está em todo o lado ao mesmo tempo. Vibra nas nuvens e faz o chão estremecer. Algures, um público entusiasmado de Revelers grita em êxtase. Nos seus gritos jubilosos, consigo distinguir um nome: *Silenus*.

O diretor do Teatro.

Assusta-me quase tanto como os Atores. Em certos aspetos, até mais. A minha mão paira sobre o bolso do casaco, onde se esconde a faca dourada do meu.

— *Obrigado por se juntarem a nós nesta bela tarde!* — A voz de Silenus vibra grave, um barítono profundo que, estranhamente, me faz lembrar um relógio de pêndulo. Deve ecoar por metade da cidade. Quase sinto que ressoa dentro do meu próprio coração.

A minha mente vagueia para os solagrafos do Distrito do Museu. Silenus é sempre retratado da mesma forma: cabelo branco espesso, pele clara, óculos elegantes, um fato impecável. Rugas de expressão gravadas num rosto que não envelheceu ao longo de centenas de anos.

E sempre, *sempre* nas mãos está um pequeno livro encadernado em couro, cujas páginas emitem um brilho quente e suave. Chamam-lhe o Guião, um objeto que há muito se acredita ter pertencido ao próprio Dionysus. Não consigo imaginar algo menos do que um tesouro de um deus a ser capaz de dar a Silenus o poder de dirigir os Atores.

— *Maravilhoso povo de Theatron, é sempre um privilégio estar entre velhos amigos. Mas nenhum de nós está aqui por sentimentalismos, eu sei.*

Ri-se suavemente, mas o som ecoa pelo céu.

Tenho cãibras nas pernas enquanto eu e a Cassia subimos os degraus do templo a correr, e forço-me a continuar.

— *Muitos rumores desagradáveis ultimamente.* — Um suspiro. — *Mas o Teatro está muito feliz por negociar um novo acordo com os nossos amigos do Norte, agora que o nosso estimado tratado chega ao fim. Mas! Em troca...*

Não consigo recuperar o fôlego. Sinto os pulmões a arder.

— *Esperamos a máxima cooperação enquanto realizamos a nossa mais querida tradição aqui no Distrito, que foi tão infelizmente interrompida da última vez.*

Perante isto, a Cassia congela no lugar. A minha mente dispara. *Querida tradição...*

— *Temos o prazer de anunciar uma chamada para elenco... e uma Grande Dionysia!*

O meu coração falha com o choque quando uma explosão de aplausos sacode o Distrito.

Uma chamada para elenco.

As palavras fazem-me estremecer. Não sei muito sobre chamadas para elenco, apenas que envolvem um mortal a tomar o lugar de um Ator. *Tornar-se um.* Através dos meios mais brutais e violentos, caso vença — parte de um festival de cinco dias conhecido como a Grande Dionysia. Um espetáculo gigantesco, durante o qual os Atores são libertados do Teatro e autorizados a vaguear livremente.

Cassia gira sobre si mesma, com os olhos arregalados.

— *Talvez um novo Ator esteja entre nós hoje* — anuncia o diretor.

— *Esperamos ver-vos a todos mais logo, esta noite, para esta oportunidade tão emocionante.*

Um estrondo retumbante rasga o ar quando as portas do Teatro se fecham com força.



Se a ansiedade fosse uma pessoa, acho que se pareceria muito com a minha tia Cassia neste momento. Fez-nos esperar dentro dos Registos de Dionysus por várias horas antes sequer de considerar deixar-me ir para casa, alegando que seria mais seguro quando os Revelers estivessem dentro do Teatro para a chamada de elenco e não a causar problemas.

Por outro lado, se eu dedicasse tanto tempo quanto ela a estudar os cantos mais sombrios da história de Theatron, do que aconteceu e do que *pode* voltar a acontecer, talvez também estivesse ansiosa. Mas a Cassia diz que a nossa melhor arma contra o Teatro é o nosso conhecimento sobre ele, dedicando a sua vida a proteger os registos históricos que os Atores não conseguiram destruir.

— Deixa-me levar-te a casa — diz ela. — Enquanto os Revelers se entretêm com essa tolice da chamada de elenco.

O meu orgulho quer ser teimoso e recusar o braço que ela oferece, mas o gelo que se enrosca na minha coluna rígida vence. Enlaço o braço no dela, só desta vez.

Ao sairmos dos Registos de Dionysus, o meu olhar detém-se, curioso, num conjunto de portas de carvalho que permanecem sempre trancadas. Ao contrário da maioria, sei o que repousa para lá delas: livros de histórias vazios. Milhares, despojados das suas palavras, o seu conteúdo devorado pelo Teatro.

É melhor assim.

Histórias não passam de mentiras. Ferramentas de manipulação dos Atores.

— Malditos deuses — resmunga Cassia entre dentes, observando as ruas vazias. Não há sinal dos Revelers, e toda a gente a norte do Corte parece ter desaparecido.

— Acho que já nos amaldiçoaram — aponto. — O que fazemos?

A pergunta soa vaga e deslocada dadas as circunstâncias. Os jornais especulam sobre o regresso dos Atores ao Distrito há imenso tempo, muito antes do aviso o confirmar, mas uma *chamada para elenco*...

Não faz sentido.

— Absolutamente nada — responde a Cassia, como se tivesse esta resposta pronta há bastante tempo. — Sabíamos que eles vinham. Fica em casa, mantém-te longe de espelhos. Deixa os Atores terem o seu banho de sangue. Não é assunto do Norte.

A não ser que os Atores *façam* disso o nosso assunto. Estiveram confinados a Sul de Theatron durante quase quinhentos anos, um acordo a que foram obrigados. E não se arriscaram a aproximar-se tanto do Corte há mais de uma década.

— Não percebo como é que um edifício pode mover-se. — Não parece possível.

— Não pode. Mas os edifícios também são *construídos* — responde a Cassia, sombria. — O Teatro nunca foi. Simplesmente apareceu, mais ou menos na mesma altura que os Atores. — Abana a cabeça. — Uma grande ilusão, digo eu.

Refrito por um momento.

— E se os Atores tentarem atravessar o Corte...

— Não vale a pena pensarmos em problemas que ainda não existem.

Ainda não. Uma meia-verdade. Mas tenho feito ginástica mental com a minha marca desde que a tenho. Consigo *pensar* mentiras facilmente. De vez em quando, até escrevi algumas só para ver se conseguia. Mas sempre que abro a boca para dizer uma mentira descarada, as palavras nunca me chegam à língua.

E, neste momento, há algo que a Cassia está a evitar admitir.

— Embora eu *não* aprove que vás sozinha ao Distrito — começa a Cassia, passando a mão sobre o cabelo penteado para trás. Novos fios brancos surgem entre o castanho-avermelhado. — Tenho algo para te mostrar.

Ela espreita a rua lateral silenciosa por onde virámos, os olhos semi-cerrados perante a luz a desvanecer-se. Depois, retira do bolso o que parece ser um solagrafo desbotado.

A Atriz representada na imagem tem um sorriso afiado e cabelo loiro-prateado que lhe cai pelas costas. Olhos penetrantes, que parecem capazes de queimar papel.

Os meus ombros caem. Provavelmente, estudei os Atores quase tão obsessivamente quanto a Cassia e não reconheço esta. Passei grande parte da minha infância mergulhada nas suas histórias, uma forma de distração quando as crianças da minha idade deixaram de me incluir nas suas brincadeiras. Estranhamente, os rostos dos Atores são tão familiares quanto os de velhos amigos.

A solidão faz coisas estranhas ao cérebro.

— Esta é a Atriz Iris — explica a Cassia. — Um dos membros do elenco executada em Syrene. Diz-se que alguns membros do elenco poderão ter escapado à destruição... se for *ela* a que te envenenou, é possível que...

— Não é ela. — Abano a cabeça, a imaginar o rosto culpado da Atriz.
— Sei o que vi.

A única coisa mais irritante do que ser amaldiçoada por uma Atriz é ser amaldiçoada por uma Atriz que *não existe*. Eu deveria saber. Estudei cada centímetro enfeitado de ouro da história do Teatro, à procura de respostas no seu registo de mentiras. Estudei os rostos de todos os restantes membros do elenco.

Restam cinco Atores.

A Atriz que vi quando criança — quem quer que fosse — *não* está entre eles.

Não há registo dela. Por outro lado, também não há registo de alguém ter sido *envenenado* como eu fui. Apenas casos de mentes atormentadas com canções intermináveis ou relatos de loucura evocada pelas performances do Teatro.

A *minha* maldição, porém — esta decadência estranha e lenta que me apodrece de dentro para fora —, é uma anomalia. Uma pela qual a Atriz é *certamente* responsável.

Vem comigo ou vais sofrer.

A Cassia franze o sobrolho e desliza a fotografia de volta para o bolso.
— Continuarei à procura, Riv.

Passo a mão pelo cabelo e solto uma risada amarga quando alguns fios castanhos caem, flutuando até ao chão. Isto começou a acontecer há cerca de uma semana.

— Sim — digo. — Eu também.



ATO I: CENA IV



— É s tu, Riven? — chama a voz da minha mãe, com um ligeiro tom de apreensão. Como se esperasse que fosse qualquer pessoa, *menos* eu.

Aspiro o ar ao tirar as botas no corredor, desconfiada dos cheiros a couve frita e coelho estufado. A minha mãe não cozinha o jantar. Ou qualquer coisa, na verdade.

Os meus olhos pousam na pilha de três envelopes que devem ter chegado enquanto estive fora. Um deles destaca-se. O envelope é demasiado rico, demasiado caro.

O meu nome está rabiscado no verso, o selo da Academia Orkestriana estampado em azul-marinho na frente.

Antes de o poder abrir, a gargalhada da minha mãe ressoa pelo corredor, enviando um arrepio pela minha espinha. Ela saiu do quarto e está a *rir*.

Uma segunda voz, mais baixa, responde à da minha mãe, e os meus olhos arregalam-se.

Enfiando a carta no bolso, apresso o passo pelo corredor, um sorriso a expandir-se-me na cara.

— Galen?

— Riv! — chama de volta o meu irmão.

O Galen tem o sorriso lupino da nossa tia Cassia e o cabelo castanho da nossa mãe.

Não faz qualquer gesto para me abraçar, consciente de que eu gosto de abraços tanto quanto gosto de ter as unhas arrancadas.

— Estás com *dois* casacos hoje — comenta, uma sobrancelha arqueada ao ver o meu traje. — Esse não é meu?

— Era — digo, sorrindo. Ele deixou o seu velho casaco na última visita. É demasiado grande, mas mais grosso do que o meu.

A cicatriz dourada abaixo do seu olho esquerdo estica-se quando sorri. Enquanto as minhas feridas do encontro com uma Atriz se aprofundaram profundamente na minha pele, o Galen escapou com uma cicatriz de dois centímetros que o transformou numa lenda na escola. Prova de que «lutou contra uma Atriz e venceu».

— O que estás aqui a fazer?

— Neste momento, estou a insistir com a mãe para que me cozinhe o jantar — responde ele.

Ah.

Isso explica os cozinhados.

A nossa mãe revira os olhos na direção dele enquanto pouisa um prato no balcão, embora até a sua irritação fingida com o Galen pareça mais admiração. Ela sempre mimou o meu irmão.

Isso não me incomoda. Gosto de ser mimada tanto quanto gosto de ser tocada. Ainda assim, nunca me habituei à forma peculiar como o olhar da nossa mãe pouisa em todo o lado, *menos* em mim. Como se eu fosse um fantasma que ela não consegue ver. Por vezes, durante a minha infância, apanhava-a a olhar fixamente, os lábios pálidos. Depois simplesmente abanava a cabeça. *Pareces-te tanto com o teu pai*, dizia ela, antes de voltar a fingir que eu não existia.

O Galen observava sempre essas interações de lábios cerrados. *Não liguês*, dizia-me. *Ela só tem saudades dele*.

Acho que toda a Theatron sente falta dele. Enquanto emissário do conselho, o meu pai era a esperança do Norte — a nossa melhor hipótese de paz. Essa paz estilhaçou-se no instante em que uma Atriz lançou o seu corpo do Teatro e deixou o seu sangue a secar nos degraus de mármore.

O Teatro fugiu do caos violento que se seguiu, e não voltou ao Distrito de Dionysus desde então — nem sequer se aproximou do Corte.

Até agora. E suponho que não esteja interessado na *paz*.

— Porque não comes qualquer coisa? — O Galen desliza o seu prato para mim, provavelmente para desviar a atenção do facto de que a nossa mãe preparou o jantar apenas para um de nós. — Se vais ficar mais alta do que eu, mais vale comeres como eu — provoca, embora eu só supere a altura do meu irmão por uns centímetros este ano. Enquanto o Galen tem o físico de uma estátua gigante do Distrito, eu sou toda membros excessivamente longos e, bem, é basicamente tudo o que sei.

Empurro o prato de volta para ele, o estômago inquieto graças ao palácio de monstros que chegou esta tarde.

— Chegaste cedo — digo.

— Negócios no Distrito. Parece que cheguei mesmo a tempo. — A expressão dele torna-se tensa. — O Teatro pediu uma audiência com o conselho assim que chegou.

O Galen apenas se formou há um ano e foi imediatamente nomeado para um cargo no nosso conselho mortal. Não é segredo que todos esperam que ele assuma o papel do nosso pai, que de alguma forma negocie um novo tratado para manter o Teatro longe do Norte, agora que o antigo está finalmente a terminar.

Como um relógio, a nossa mãe desculpa-se e desaparece escadas acima. É o que faz sempre que o Teatro é referido numa conversa. Ou quando eu entro numa sala.

O meu irmão observa-a ir-se embora, a preocupação visível no rosto. Encaro-o, atónita.

— Queres dizer... que os *viste*? — sussurro. — Os Atores?

— De longe... um deles. — Mantém a voz firme, mas eu conheço o Galen demasiado bem. Sinto o tremor de medo escondido no seu tom. — O conselho reuniu-se com o diretor e o Ator Principal quando chegaram. Disseram que queriam negociar os termos da *chamada para elenco*.

— E fizeste-o? Negociar? — pergunto, inclinando-me.

— O que havia a discutir? — O Galen ri-se, mas o som carece de qualquer humor. — Ele é tão violento como dizem, sabes. O Ator Jude. Partiu o pescoço a um guarda por se aproximar demasiado do Silenus. Anunciou que faria o mesmo a qualquer um que ousasse perturbar a chamada para elenco desta noite. Disse que qualquer conversa sobre paz podia esperar até a chamada estar concluída.

— Deuses — murmuro.

Para criaturas com egos tão grandes, deve ser profundamente humilhante para os Atores serem governados pelos mortais sobre quem outrora reinaram. *Precisarem* de nós. Os Atores exigem adoração, atenção. Dependem dela para sobreviver do mesmo modo que nós, mortais, precisamos de comida. Caso contrário, poderiam muito bem exterminar-nos a todos.

Porém, se lhes for negada por completo uma audiência, apenas os deuses sabem o que farão. Os Atores são perigosos quando estão zangados, mas são *letais* como o raio quando estão entediados.

— Sabes, toda a gente me olha como se eu fosse o pai — comenta o Galen, abanando a cabeça perante o absurdo. — Como se eu devesse saber regatear com estes monstros como ele fazia.

Abana a cabeça novamente, deixando o resto por dizer.

Desesperada por mudar de assunto, desdobro a misteriosa carta do meu bolso e mostro-a ao Galen.

— Alguma ideia do que é isto? — pergunto, quebrando o selo, mas travo ao ver o olhar surpreendido que ele me lança.

— Riv — começa o Galen lentamente —, essa é parte da razão pela qual voltei para casa... para falar contigo. — Parece prestes a arrancar-me a carta das mãos. — Esperava chegar antes da notícia, mas...

O meu olhar desce e leio a primeira linha:

Riven Hesper: Lamentamos informar que, após nova averiguação...

— O que é isto? — A minha voz soa mais dura do que pretendia.

O medo congela como um bloco de gelo no meu peito enquanto pestanejo, desejando que as palavras mudem. Que desapareçam

— Revogaram... — Engulo em seco, com a língua seca. — Revogaram a minha aceitação?

Mas porquê? O semestre começa em breve. Eu já comprei a minha passagem para Orkestra...

Exalo. Sei *porquê*. Consigo ler a razão por toda a expressão do Galen.

— O conselho da universidade... — O Galen cala-se. Como se não fosse amigo de todo o maldito conselho. Ele foi o rapaz de ouro da Academia Orkestriana durante quatro anos. E antes dele, o nosso pai. — Surgiram questões sobre quão segura seria a tua presença.

— Segura para mim — pergunto entre dentes — ou segura para os outros estudantes? — Sinto o que digo, mas não esperava que as palavras saíssem da minha boca com a ferocidade de um trovão. — Qual das duas opções?

Amaldiçoada por um Ator. As palavras acompanham-me desde criança. Como se a magia da Atriz — a *Arte* — que me envenenou fosse espalhar-se espontaneamente a qualquer um que chegasse perto. As mesmas questões surgiram na escola primária até que finalmente me colocaram num banco do lado oposto da sala. Por vezes, sentia-me como uma das estátuas dos Atores no Distrito: observada de longe e raramente abordada diretamente. Isso dava-me tempo de sobra para ponderar o que é pior: ser abandonada pela sociedade ou ser odiada publicamente.

Optei pelo primeiro.

— Ambos — admite ele.

O meu coração parte-se, expondo o carvão a ferver no seu centro.

— Quem. — A minha voz é mortalmente calma.

O Galen congela.

— O que queres dizer?

— Disseste que *surgiram questões* — digo, forçando as palavras. É parte da verdade. Os meus olhos descem até à marca eleutheraena na base da sua garganta. Aposto que se o Galen pudesse mentir-me, fá-lo-ia agora. — *Quem* as levantou?

Ele pressiona os lábios numa linha fina, com a verdade na ponta da língua.

— Fui eu, Riven.

Encaro-o gelidamente, desafiando-o a continuar.

— E estava certo. Da última vez que te vi, parecias...

— O quê? — interrompo. — Continua. Diz lá.

Ele desvia o olhar. Por um instante, pergunto-me se tem medo de mim, como as crianças do vizinho que atiram pedrinhas à minha janela. Mas, quando volta a encontrar o meu olhar, a sua voz suaviza.

— Riven, por favor. Sei que isto era importante para ti. Mas estás pior agora do que da última vez... e da vez anterior. E *agora*...

Olho para as minhas mãos, tentando ver o que ele vê. Dedos longos e ossudos. Unhas cinzentas. Veias escuras saltam-me dos pulsos. Há cerca



de um mês, a minha pele começou a perder cor, adquirindo um tom pálido, quase como pedra, não muito diferente da barriga de um peixe.

— Não — digo, de forma brusca.

Aquela Atriz *não* vai tirar-me isto também. A Academia Orkestriana é uma porta para uma vida diferente desta. Um novo lar. E acesso à maior biblioteca de Theatron, provavelmente a melhor hipótese de encontrar respostas para o que me aconteceu.

Respostas para o *porquê* de não ter acontecido a mais ninguém.

Talvez até uma hipótese de ser reconhecida pelo meu próprio mérito. Não por ser *a irmã do Galen*. Não por ser *a filha do Pacificador morto*.

— Precisamos de ser honestos sobre o que está a acontecer. — O tom do Galen é firme, inflexível. Irritante. — Seja qual for... a *doença* que tens...

— Veneno. Tu estavas lá. Podes chamar-lhe o que é.

— *Claramente*, é sério — conclui ele. — Estarias demasiado longe de casa, já para não falar do esforço. Podes simplesmente piorar mais depressa... — Respira fundo — Já não tenho a certeza de que seja uma boa ideia, Riv.

Já não, repito mentalmente. As palavras ecoam na minha cabeça como um selo sobre o meu destino. *Já não* soa definitivo.

Já não soa como se a Atriz de há dez anos tivesse vencido.

Afasto esse pensamento para longe assim que surge. Se tomar *uma* decisão por mim própria, será esta: uma Atriz não vai conseguir acabar comigo.

— Não sou impotente — digo, cerrando os dentes, mas as palavras têm um gosto amargo. *Ainda*, acrescenta a minha mente. — Vou cuidar de mim própria...

— Riven, não és *capaz* de cuidar de ti própria. — O Galen contrai imediatamente o rosto, como se desejasse poder arrancar as palavras ao ar e devolvê-las à boca.

O sangue sobe-me à cabeça, os olhos descem de novo até à marca do meu irmão. Ele acredita nisso.

A possibilidade de ele estar certo só me enfurece ainda mais.

Ele inspira fundo e depois diz:

— Fica aqui. Falei com a mãe... — Rio-me, soprando o ar. A nossa mãe tem estado a contar os dias até à minha partida, tão ansiosa quanto eu. — Por favor... pelo menos até melhorares.

Até. Como se eu não estivesse a morrer um pouco mais depressa a cada dia.

Como um maldito cadáver. O insulto ressoa nos meus ouvidos.

— Isto não é justo, Galen — atiro, furiosa.

— O mundo não é justo — responde ele. — Ninguém escolhe as cartas que lhe são dadas. Deixa o destino nas mãos dos deuses e dos seus caprichos. Ele não se curva perante nenhum Homem. — Estremeço com a referência à frase que todos aprendemos na escola. *O destino guia os pés daqueles que se deixam guiar e arrasta os calcanhares dos rebeldes.*

— Não acredito no destino — digo. — Certamente não num destino escrito por deuses que nos abandonaram. Eu estava *destinada* a ser envenenada por uma Atriz? — pergunto, desafiando-o a concordar. — O *pai* estava destinado a ser despedaçado por um?

O seu rosto endurece, ambos igualmente chocados com as minhas palavras. Não mencionamos a morte do nosso pai.

— Não importa. Esta conversa acabou — diz o Galen, levantando-se.

— *Não!* — A minha voz rouca sai disparada da minha garganta como uma flecha, assustando-nos aos dois. Ecoa pelas paredes. Ouço um rangido súbito lá em cima, como se a minha mãe se tivesse posto de pé de um salto.

Demasiado, repreendo-me a mim própria. As unhas cravam-se em ambos os lados da cadeira. O olhar prateado do Galen foca-se em mim.

— O que foi? — digo, falhando novamente em controlar o tom da minha voz.

— Esse temperamento, Riv — diz ele suavemente, abanando a cabeça. — Se não o conseguires controlar, essa raiva será a tua morte.

Quando não digo nada, o Galen dirige-se ao corredor, mas faz uma pausa junto à porta.

— Lamento, Riven... lamento mesmo. Estou a falar a sério. — Não cruzo o olhar com o dele. O Galen abre a porta. — Se descobrirmos como... *reverter* isto, levo-te a Orkestra e eu próprio te matriculo.

Com isso, desaparece.

Dou-lhe uma vantagem de três minutos antes de calçar as botas e segui-lo.

OS MORTAIS FIZERAM UM PACTO,
PARA OS ATORES AO SUL DEIXAR.

E QUANDO O PACTO TERMINOU,
UM MURO ERGUERAM
PARA OS AFASTAR.

E SE O MURO VIER A RUIR,
AS MARCAS HÃO DE NOS SALVAR.

E SE AS MARCAS NOS FALHAREM,
QUE OS DEUSES TENHAM
PENA DO NOSSO AZAR.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-596-089-7



9 789895 960897

